

Voltas que a falta dá<sup>1</sup>

Janete Rosane Luiz Dócolas<sup>2</sup>  
Verão de 2007

Nossos seminários foram sempre muito inspiradores, abrindo trilhas para reflexões e questionamentos e criando muitos 'furos'naquilo que , em alguns momentos, temos como já sabido. O inquietante contato com as idéias trabalhadas nos textos, assim como as articulações feitas pelo grupo, especialmente pelo professor Edson, convocam a um constante deslocamento do olhar e nisso, o trabalho desenvolvido nesses encontros guarda uma sutil aproximação com a proposta da arte e da psicanálise.

Sempre as voltas com o que lhe falta, o homem constitui-se como sujeito singular e busca dar sentido ao que lhe acontece e ao mundo no qual está inserido. Mundo que quer, constantemente, melhorar, muito embora se possa questionar o que significa melhorar o mundo.

Na prática clínica, nos deparamos, dia após dia, com essa busca por um mundo melhor. A priori, a melhoria almejada é para o mundo interno - ausência de sofrimento e sensação de felicidade fazem parte dos sonhos que cada um traz em sua bagagem - mas as queixas em relação ao mundo externo são incontáveis e o desejo de melhora-lo, muito embora muitas vezes restrinja-se a 'agitação de camundongo' (referência feita por Dostoievski, no romance O eterno marido, aos movimentos que não resultam em nada ) também está presente e ganha forma à medida que a capacidade sublimatória pode ser utilizada.

Na Utopia , de Thomas Morus, esse mundo melhor seria um lugar onde o homem se comportaria realmente como homem diante de si mesmo, de sua própria consciência e dos outros. Uma sociedade ideal, onde ao invés de vícios, haveriam só virtudes e onde todos teriam acesso a todos os bens e teriam também os mesmos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na UFRGS. Atividade de conclusão da disciplina Utopia, Arte e Psicanálise: uma arqueologia do futuro, ministrada pelo professor Edson Luiz André de Sousa no PPG Psicologia Social e Institucional e PPG Artes Visuais, no segundo semestre de 2006 e, pelo LAPPAP – Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política, coordenado pelos professores Edson Luiz André de Souza e Maria Cristina Poli.

<sup>2</sup> Psicanalista, Membro do Núcleo de Estudos Sigmund Freud

direitos e deveres. Uma república perfeita. Um estado justo. Um lugar impossível. Um lugar proposto não como algo factível, mas como uma crítica direta a uma sociedade que se deixou levar por todos os males – ambições, ganâncias, vícios, maldade - que freqüentemente habitam o homem.

Utopia, enquanto conceito, remete a uma forma diferente de estar no presente, de pensar o agora. É uma quebra na lógica do presente. Uma denúncia. Uma forma de apontar para a falta e fazer crítica social.

No cerne da utopia ou talvez pudéssemos dizer, como sua força propulsora, encontramos os sonhos. O utopista, sonhando no terreno do sonho, como nos diz Ernst Bloch inventa o princípio esperança, que é o ponto de partida para a criação do novo. Na origem dos sonhos e da própria esperança, encontramos o desejo. E o que é o desejo senão a marca da falta? Falta que nos constitui enquanto sujeitos, que nos torna humanos e que nos faz criar. Criar soluções para os muitos enigmas que a vida apresenta. Criar formas de satisfação. Criar a própria vida, que é movimento incessante e pede passagem.

Mas como nos ensinou Freud, não somos senhores em nossa própria casa e assim, nossa criação, da vida ou seja lá do que for, não depende unicamente de nossa vontade consciente. Há um componente desconhecido, inconsciente, naquilo que nos move. Quanto aos sonhos, segundo Freud, resultam de acordos psíquicos e buscam a realização de desejos inconscientes, ou seja, desejos desconhecidos do próprio sonhador.

Também os sonhos diurnos estão a serviço da satisfação de desejos e, em alguma medida, estão atravessados pelo recalçamento, ou seja, não são completamente livres de censura. Pulsões insatisfeitas são também a força propulsora dos sonhos diurnos, da fantasia e buscam uma retificação da realidade insatisfatória. Assim, passado, presente e futuro aparecem entrelaçados no fio condutor da fantasia, sonho diurno, utopias - essas criações que se dão mais facilmente aos outros e que, por isso, contém algo especial, que as diferencia dos sonhos noturnos.

Os sonhos diurnos podem ser compartilhados e, por aí, fazer laço. Se forem apenas contemplativos, os sonhos podem anestesiá-lo e deixar o sujeito sem ação. Bloch assinala a diferença entre esse tipo de sonho e os sonhos que nos acordam e que podem convocar à criação, de uma forma mais efetiva. As utopias são sonhos que nos acordam. São sonhos compartilhados e podem ter potência criadora, dependendo do que se estabelecer entre o sonhador e aquele com quem o sonho é compartilhado. É no encontro que se dá a força da criação. É aí que reside a esperança.

Assim ocorre num encontro analítico, onde alguém, movido por um desejo, talvez de felicidade, parte numa viagem em busca de si mesmo. Nessa viagem, não estará sozinho e revisitará seus 'velhos tempos' – aquilo que é da ordem de uma realidade psíquica arcaica, mítica e que contém registros importantes, figuras que marcaram sua história, teorias criadas para dar conta de antigos enigmas, desejos 'enclausurados'. Mas não será uma simples lembrança, pois desse encontro entre paciente e analista poderá surgir a possibilidade de construção de novas versões para antigas histórias e outros desenlaces para conflitos e angústias. Colocado no centro da análise, o fenômeno da transferência permitirá que sonhos sejam compartilhados e

tornará possível o acesso aquilo que é da ordem do inconsciente. Inconsciente que só se dá a conhecer através de suas formações . Assim, ao conceder a palavra ao sujeito, numa relação especial, singular, a psicanálise permite a ele um mergulho em si mesmo. Uma maneira, quem sabe, de poder olhar para aquilo que lhe falta e , a partir daí, encontrar novas formas de lidar com a falta – que está sempre presente e que deixa lacunas por onde o sonho pode entrar.

Também o encontro com a arte propicia o acesso à subjetividade e permite ao sujeito dar voltas na falta que lhe constitui e que marca sua existência no mundo. A literatura é uma dessas manifestações da criação artística que , inclusive, muito tem contribuído com a psicanálise, para a compreensão do homem. Assim, quando me ocorreu abordar o tema da falta , uma história ocupou meus pensamentos. Trata-se do belíssimo texto intitulado A hora da estrela, de Clarice Lispector.

Utilizando-se de um narrador - Rodrigo, a autora nos apresenta Macabéa, uma alagoana de 19 anos que 'não se conhece senão de ir vivendo à toa'.

Macabéa demora para ganhar nome na história de Rodrigo M.S. e assim foi também na sua vida. Se ela vingasse até um ano de idade, por promessa a Nossa senhora da Boa Morte (que ironia!), se chamaria Macabéa. Vingou!

Assim é. Quando cada um chega ao mundo, é inserido numa história e numa rede de relações e desejos que o antecede e ao ser nomeado, recebe um pouco dessa história que ainda não lhe pertence mas que já lhe imprime algumas marcas. O nome Macabéa, por exemplo, deriva-se de Macabeus , que na mitologia, relaciona-se a resistência.

Mas enquanto a história de Macabéa não vinga, é do 'fazer literário' que Rodrigo se ocupa, abordando com maestria o processo de criação e deixando transparecer o entrelaçamento entre narrador, autor e personagem. Rodrigo conta que escreve por força maior, tem sua própria força na solidão, se angustia por não saber o final da história e através da personagem dá seu grito de horror à vida, vida que tanto ama. Um exemplo maravilhoso de sublimação, onde a angústia perante as questões existenciais encontra uma saída na arte. Para Rodrigo, Macabéa é uma verdade da qual ele não queria saber. É um acaso , tem alma rala , é capim seco e não tem aquela coisa delicada chamada encanto. Se se perguntasse 'quem sou' cairia estatelada no chão, pois essa pergunta provoca necessidade de pensar e ele não a vê 'pensante'. Diz que 'essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. A única coisa que queria era viver. Não sabia para quê, não se indagava. Quem sabe achava que havia uma gloriuzinha em viver. Ela pensava que a pessoa era obrigada a ser feliz então era.'

Ora, se ela pensava que a pessoa era obrigada a ser feliz, não seria porque um desejo de felicidade emerge de dentro de si? Mesmo não sabendo, mesmo não se indagando, Macabéa, como todo mundo, queria experimentar essa coisa estranha chamada felicidade e também como todo mundo, não sabia tudo de si. Ela não tinha recordações boas, registros de alegria ou satisfação, então as inventava. Encontrava assim, uma forma de lidar com a falta.

Viu um dia um homem bonito e queria tê-lo em casa só para ser visto. O desejo se insinua.. Um dia permitiu-se faltar ao trabalho e desfrutar do quarto que dividia com as quatro Marias. Ela é datilógrafa e, mesmo que não seja boa datilógrafa, isso lhe 'dá uma dignidade'. Foi um momento raro de contentamento, algo nunca antes sentido: Explosão! Uma sensação absolutamente nova que não poderia ser nomeada de forma mais bela e simbólica. A vida que pulsa dentro dela pede passagem. Não por acaso, a partir desse momento inaugural a moça nordestina ganha nome na história e encontra um namorado. Quando se apresenta a Olímpico vive um momento de encontro com o olhar do outro e emerge nela algo que está além da luta pela sobrevivência e que tem sua origem no terreno do pulsional.

Quando mais tarde ela perde o namorado e está ameaçada de perder o emprego, tenta evitar o sofrimento procurando viver como se nada tivesse acontecido. É do ser humano tentar evitar o sofrimento, tanto o que ameaça de fora quanto o que vem de dentro de si mesmo e do qual não pode fugir.

Mas coisas diferentes acontecem com Macabéa desde então. Sua colega Glória, movida pela culpa por ter roubado-lhe o namorado, pôs-se a olhar e dar atenção para ela. Pergunta se ela pensa no futuro e empresta-lhe dinheiro para consultar com uma cartomante. Madame Carlota, a cartomante, era um ponto alto na existência de Macabéa já que pela primeira vez ela teria um destino. Nesse encontro ela toma consciência de como sua vida era horrível. Nunca tinha tido coragem de ter esperança mas agora havia nela uma voracidade pelo futuro e isso a atordoava.

Muitas explosões acontecem em Macabéa nesse momento em que sente sua vida mudada e, mudada por palavras. As palavras, associadas a um olhar e atenção nunca antes sentidos, inauguram nela a capacidade de ter esperança. Grávida de futuro, como maravilhosamente descreve Rodrigo, Macabéa dá ao atropelamento que sofre, o sentido de um encontro com seu destino e pensa estar vivendo o primeiro dia de sua nova vida. Nascimento.

Ali, na cidade inconquistável – alusão a difícil vida dos imigrantes que deixam sua terra em busca de um mundo melhor.- ganha existência a partir do olhar daqueles que a espiam.

Rodrigo não quer que Macabéa morra, quer o pior para ela: a vida, que ele diz ser um soco no estômago. Ela, no entanto, queria vomitar o que não é corpo, vomitar algo luminoso. Estrela de mil pontas. Estava assim anunciado que Macabéa morreu.

A Rádio Relógio, companheira falante que amenizava a solidão de tantas horas, continuaria a marcar o tempo, que não pára, mas que para Macabéa, parou, fazendo lembrar, assim, que todo mundo morre. Todo mundo morre mas a morte não morre. Ela continua existindo e isso mais uma vez remete o homem a sua pequenez, lembrando-o de que existem fenômenos eternos, mas que ele não é eterno – está marcado pela finitude, pela falta.

A criação, fruto da tentativa de lidar com aquilo que a vida suscita dentro de cada um, parece ser uma maneira de ultrapassar o tempo. Assim ocorreu com Clarice Lispector, que com sua criação, continua a nos inquietar, provocando um mergulho na subjetividade e convocando-nos a trabalhar com questões como: origem,

sobrevivência, sexo, desejo, amor, sentido da vida, esperança, morte. Como boa obra de arte, nos coloca diante das voltas que a falta dá e, deixa furos para seguirmos trabalhando e criando.